

RESENHA

Márcio Roberto Alonso*

PEARCEY, Nancy. **A busca da verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

Criada em família luterana (p. 20), Nancy Randolph Pearcey, como muitos outros jovens, abandonou sua formação religiosa na época do Ensino Médio, por não encontrar respostas satisfatórias a vários de seus questionamentos. Em contato com a apologética de Francis Schaeffer no ministério L'Abri, anos mais tarde (p. 182), quando ainda era estudante de filosofia na Alemanha, Nancy retornou ao cristianismo com grande vigor. Tornou-se Mestre em Estudos Bíblicos pelo Covenant Theological Seminary e pós-graduada em História da Filosofia pelo Institute of Christian Studies de Toronto. É autora e coautora de diversos livros sobre apologética e cosmovisão, destacando-se *Verdade Absoluta* (CPAD), *E Agora, Como Viveremos?* (CPAD); *O Cristão na Cultura de Hoje* (CPAD); *A Alma da Ciência* (ECC) e *A Busca da Verdade* (ECC). Ao lado de nomes como Charles Colson, James Sire, Albert Wolters e alguns outros, Nancy Pearcey está entre os mais influentes autores da atualidade na temática de defesa da fé cristã.

Na seção introdutória do livro, Pearcey explica sua proposta. Partindo de uma análise exegeticamente acurada e apologeticamente perspicaz de Romanos 1.1–2.16, ela pretende extrair da passagem cinco princípios estratégicos que fornecem um “plano de jogo” básico para atribuir sentido a qualquer visão de mundo (cosmovisão) disponível (p. 34). Os princípios são brevemente descritos antes de serem analisados em detalhe na próxima seção. Ao final do livro, ela promete elaborar uma defesa positiva e convincente para o cristianismo.

* Mestre em Antigo Testamento (M.Div., CPAJ), Mestrando em Liderança Educacional Cristã (M.A., CPAJ/Gordon College), professor de Teologia Pastoral no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, professor de Teologia Exegética no Seminário Presbiteriano Brasil Central, Capelão do Instituto Presbiteriano de Educação – IPE (Goiânia).

Na seção seguinte, como prometeu, Pearcey se dedica ao detalhamento dos cinco princípios anteriormente enunciados, a partir do texto de Romanos. São os seguintes:

1) *Identifique o ídolo*. “Se você rejeitar o Deus da Bíblia, irá deificar algo dentro da ordem criada” (p. 34), conforme se pode deduzir de Romanos 1.21, 25: “...tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus... adorando e servindo a criatura em lugar do Criador”. No capítulo “Crepúsculo dos deuses”, Pearcey identifica “poderes ou elementos imanentes do cosmos” (p. 47) que têm sido elevados à condição de ídolos em diversas cosmovisões rivais à cristã. As principais análises que ela faz se concentram sobre os ídolos do todo do cosmos (para o budismo), da matéria (para o materialismo científico), dos sentidos (para o empirismo), do intelecto (para o racionalismo) e da imaginação criativa (para o romantismo).

2) *Identifique o reducionismo do ídolo*. “Ídolos sempre conduzem a uma visão inferior da vida humana... Quando uma visão de mundo substitui o Criador por algo na criação, também substitui uma visão superior dos seres humanos, feitos à imagem de Deus, por uma visão inferior dos seres humanos, feitos à imagem de algo na criação” (p. 74), conforme ela infere a partir de Romanos 1.23: “...mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis”. No capítulo “Como Nietzsche vence”, Pearcey analisa o reducionismo do materialismo (que considera o homem como “nada além de um bloco de neurônios”), do pós-modernismo (que reduz a verdade a uma construção social), do panteísmo (que reduz o Criador pessoal à criação impessoal), e do Islã (que reduz Deus ao rejeitar a divindade de Cristo e a Trindade).

3) *Teste o ídolo: ele contradiz o que sabemos sobre o mundo?* “Se determinada visão de mundo contradiz o que sabemos sobre o mundo através da revelação geral, ela fracassa” (p. 37), de acordo com o que podemos inferir de Romanos 1.19, 21: “...o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou... por meio das coisas que foram criadas... tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus...”. No capítulo “Atos seculares de fé”, Pearcey trata de diversas cosmovisões que não são aprovadas no teste de conformidade à revelação geral. O determinismo não sobrevive quando confrontado com nossa consciência de que fazemos escolhas livres. O materialismo não explica como é que nós, seres pessoais, poderíamos ter surgido da matéria impessoal. O ateísmo não fornece base adequada para considerarmos os seres humanos responsáveis por suas ações. O pós-modernismo pode ter alguma sobrevivência quando seletivamente aplicado à religião e à ética, mas não sobrevive se aplicado à ciência, engenharia e tecnologia.

4) *Teste o ídolo: ele contradiz a si mesmo?* “Visões de mundo centradas em ídolos entram em colapso internamente”. Elas são autorrefutáveis, conforme

se deduz de Romanos 1.21: “...se tornaram *nulos em seus próprios raciocínios*, obscurecendo-se-lhes o coração insensato”. No capítulo “Por que cosmovisões cometem suicídio”, Pearcey traz diversos exemplos de cosmovisões idólatras que se autorrefutam. Ela mostra que a complexidade e o planejamento evidente das coisas vivas não podem ser explicados pelo acaso e pela necessidade, como propõe o darwinismo. Que, se a religião é mesmo “o ópio do povo” (um instrumento de alienação e dominação), como propõe Marx, poderíamos dizer o mesmo de suas teorias econômicas – elas só pretenderiam racionalizar seus próprios interesses econômicos. Se, como Nietzsche afirma, a moralidade é inventada pelos fracos e a religião é uma “mentira santa”, por que deveríamos nós prestar atenção ao que ele tem a dizer? Não teria ele interesses escusos semelhantes? Em “Desacreditando os desacreditadores” (p. 140), Pearcey ainda combate o materialismo: se o pensamento produzido pelo seu cérebro é semelhante ao suor secretado por suas glândulas, seu pensamento é apenas um fato biológico que, por isso mesmo, não poderia ser verdadeiro ou falso. Ela também mostra a contradição inerente do pós-modernismo: quando afirma que não existe uma verdade universalmente válida, o pós-modernista está implicitamente admitindo que sua própria afirmação é universalmente válida e verdadeira.

5) *Substitua o ídolo: faça uma defesa do Cristianismo.* “O Cristianismo detém maior poder explicativo do que qualquer outra cosmovisão ou religião. Ele se encaixa melhor nos dados da revelação geral, e isso leva a uma visão mais humana e libertadora da pessoa humana” (p. 40). Esse é um dos motivos pelos quais devemos nos unir ao apóstolo Paulo, quando afirma: “*não me envergonho do evangelho*” (Rm 1.16). No capítulo “Ateus oportunistas”, Pearcey elabora a prometida defesa positiva e convincente do cristianismo, demonstrando que a fé cristã é a cosmovisão que melhor pode explicar nosso senso moral intrínseco, os nobres ideais dos direitos humanos, a possibilidade da empreitada científica, nossa consciência e nossa liberdade, entre outras questões. O título do capítulo denuncia que cosmovisões rivais precisam, muitas vezes, emprestar e, de modo oportunista, se beneficiar de elementos do cristianismo para se equilibrarem, mas que nossos rivais resistem, de modo incoerente, a abraçar o cristianismo em seu todo, por conta de suas reivindicações inegociáveis. Depois de expor algumas contradições e perguntas sem resposta do ateísmo evolucionista (por exemplo: “como um processo irracional cria seres racionais?”), a autora finalmente insiste que é nosso dever conhecer as cosmovisões rivais a fim de estarmos preparados para uma confrontação amorosa e consistente, bem como para prepararmos adequadamente as próximas gerações, de modo a defenderem a superioridade da cosmovisão cristã neste mundo confuso. “Os cristãos são chamados a amar as pessoas o suficiente para ouvir suas perguntas e cumprir o trabalho duro de encontrar respostas” (p. 186).

No capítulo de conclusão, intitulado “Como o pensamento crítico salva a fé”, Pearcey demonstra que a Escritura incentiva o pensamento crítico e encoraja os crentes a usarem a mente para examinar alegações de verdade. “Os cristãos devem tornar-se pensadores independentes com as ferramentas para pensar criticamente sobre diversos pontos de vista – pesando as provas e julgando a validade dos argumentos” (p. 189). Jovens igrejados, mas não preparados, estão abandonando a fé quando ingressam na universidade. É preciso prepará-los para detectar o secularismo oculto, muitas vezes, nos filmes, na cultura popular, na pintura, nas artes em geral e até mesmo na teologia. A neo-ortodoxia, o liberalismo, a teologia da libertação ou a teologia do processo, todas sucumbiram, todas “redefiniram a teologia cristã clássica no formato de uma filosofia baseada em ídolos” (p. 199). Para fazer frente a esse desafio, não basta criticar os ídolos, é preciso oferecer alternativas que dão vida, eliminando a divisão entre sagrado e secular e rejeitando a ideia de que o cristianismo é apenas uma mensagem de salvação que toca somente a parte “espiritual” da existência. Como embaixadores de Cristo (2 Co 5.20), enviados a um mundo com cosmovisões anticristãs, precisamos ser capazes de identificar os erros dos rivais e apontar a sublimidade da visão de mundo oferecida pelo cristianismo.

Uma das maiores virtudes do livro é que Pearcey utiliza exemplos e citações de fontes primárias das cosmovisões que lhe são opostas, sinalizando sua honestidade acadêmica e enfrentamento sincero dos problemas reais. Além disso, o livro é positivo por fundamentar sua metodologia na Escritura – a autora parte da revelação divina para analisar a realidade. Ainda, o esboço do livro é muito simples e claro, podendo ser facilmente memorizado e utilizado por cristãos leigos. Os princípios são lógicos e estão claramente contidos no texto, como propõe a tese central do livro.

Obras assim são extremamente necessárias nestes tempos de verdadeira guerra pela defesa da verdade. Muitos cristãos têm agido como consumidores ávidos e acríticos de conteúdo cultural anticristão, e precisam ser alertados para discernir melhor aquilo que têm recebido sem análise mais apurada. O livro é um proveitoso recurso para prepará-los nesse sentido, e também pode ser de grande ajuda aos jovens que se deparam com os embates apologéticos tão característicos da vida universitária. Pearcey ajudará o leitor a articular adequadamente sua cosmovisão cristã e a refutar os equívocos das cosmovisões rivais.

Embora saiba que não se pode exigir isso de uma autora estrangeira, destaco que não há na obra exemplos relacionados à cultura brasileira – o que poderia ser muito enriquecedor para os nossos leitores. Mas, como parece óbvio, estes são pontos muito pequenos quando comparados aos muitos aspectos positivos da obra. Trata-se de um trabalho de profundidade acadêmica, mas que, ainda assim, é totalmente acessível para o leigo interessado. Os princípios de análise apresentados são profundos, mas suficientemente simples para que possam ser aplicados pelo crente comum a qualquer sistema cosmovisional, e

a fartura de exemplos deixa claro como esse caminho pode ser trilhado. É um livro que merece ser lido com calma e debatido, especialmente com jovens universitários. O guia de estudos, ao final, fornece úteis recursos adicionais. Recomendo com entusiasmo.